



Artigo de Opinião

**Deficiências na Educação Financeira da População Brasileira:
Pontualidades de Causas e Consequências**

1° Ten Bruno Peres Farmann
(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

2019

O escritor, educador financeiro, investidor e digital influencer Thiago Nigro, em seu livro “Do Mil ao Milhão, Sem Cortar o Cafezinho” (2018), busca ensinar as nuances da educação financeira como forma de uma pessoa libertar-se de um ciclo de vida destinado apenas a pagar impostos. Tal obra abraça tantas outras publicadas recentemente numa espécie de corrente que visa a libertar a população brasileira das correntes da ignorância, da inércia e da falta de autoconfiança quando se trata de dinheiro.

Analisando-se o processo histórico de povoamento e colonização da então colônia de Portugal, é possível verificar a intenção extrativista e oportunista das pessoas que vinham ao Brasil desde o século XVII. Ciclos de madeira, açúcar, metais preciosos, café e outras *commodities* sempre caracterizaram as principais atividades exercidas nas terras além-mar. Na época, o escambo era exercido em abundância, e os valores dos produtos manufaturados variavam de acordo com a necessidade, oferta, procura e quantidade de metais preciosos extraídos na colônia. O Processo de arrecadação de impostos acompanhou as necessidades da coroa e se mateve exorbitante ao longo dos anos, e um paralelo pode ser traçado, desde já, com a atual carga tributária existente no Brasil, uma das maiores do mundo.

Passado o processo de independência, o Brasil viu-se com uma sequência de governos republicanos centralizadores de poder que, na prática, mantiveram enraizada a cultura de dependência da figura Estatal. Os brasileiros acreditaram, e acreditam, que o Estado deve ser o único provedor dos recursos necessários a sua subsistência. A crença engloba assistência médica, salário mínimo elevado, sistema único de transporte, entre outros. Nunca houve, até o presente momento, o fomento à atividade empreendedora, industrial e comercial que desenvolvesse, no âmago de sua população, o sentimento de independência e controle sobre a própria situação financeira.

A educação, diretamente relacionada à formação do cidadão no contexto do desenvolvimento nacional, baseou-se, desde o início, no ensino de matérias engessadas e sem que o instruído tivesse, desde os bancos escolares, a noção de onde aplicaria o que teoricamente deveria aprender. Além disso, matérias que se aproximavam mais da realidade cotidiana dos alunos foram relegadas a segundo plano ou esquecidas. Foi o caso da educação financeira, presente na vida de todos os cidadãos da era contemporânea.

Analisando-se o processo histórico de desenvolvimento do Brasil, não é difícil perceber que a atuação de governos populistas e centralizadores ao longo da história foi determinante para que se negligenciasse o ensino sobre matemática financeira básica e conceitos atrelados a finanças. Não seria interessante fomentar na população o desejo por impostos menores, liberalismo econômico e queda da taxa de juros, por exemplo. Tampouco seria conveniente perceber o ingresso de indivíduos instruídos financeiramente no processo político democrático, uma vez que bancadas e lideranças precisam de alinhamento de propostas e ideologia para seguirem com seus projetos e interesses. Em outras palavras, não é interessante aos partícipes do processo político contemporâneo brasileiro que se tenha a participação de pessoas instruídas financeiramente, capazes de questionar e se contrapor ao *modus operandi*, aos projetos de “governo” e interesses de quem já atua no meio.

Ademais, a temática da ausência de educação financeira de qualidade no Brasil não se resume à manutenção dos interesses de ordem política. Hábitos de caráter cultural enraizados no âmago da grande parte das famílias que compõe as diversas castas da sociedade brasileira em muito influenciam nos processos decisórios relacionados a finanças. Os “modelos de dinheiro”, conceito que se relaciona à forma de pensar de um determinado indivíduo quando lida com finanças, são transmitidos de pais para filhos e podem determinar se uma criança, quando maior de idade, saberá como administrar o capital que possuir. Progenitores que saibam a necessidade de poupar e reinvestir lucros ou excedentes tendem a ensinar o mesmo modo de pensar aos seus filhos, transmitindo-lhes também importantes conceitos relacionando à riqueza, independência financeira e inteligência comportamental. Isso favorece a maturação do jovem no ímpeto de se preocupar, desde pequeno, com a construção de seu próprio patrimônio.

Da mesma forma, pais que passaram suas vidas tendo dificuldades financeiras, mudando-se de residência em virtude de inadimplência no pagamento de aluguéis, que sempre gastavam mais do que poderiam pagar ou que nunca sequer se preocuparam em sentar e conversar com suas crianças a respeito de dinheiro tendem a transmitir aos filhos o mesmo “modelo de dinheiro”,

perpetuando um ciclo vicioso fundamentado na negligência constante e impetuosa dos conceitos mais fundamentais relacionados à educação financeira.

Ora, o interesse de pequena parcela da população na falta de educação sobre finanças dos demais aliado à propagação de estilos de vida completamente deturpados quando se trata da forma de lidar com dinheiro tornam o Brasil um país carente de iniciativas que fomentem a quebra desse ciclo vicioso. Poucas são as medidas públicas e privadas direcionadas à conscientização da sociedade sobre a importância do estudo de educação financeira. Matemática financeira básica, conceitos fundamentais e quebra de preconceitos e paradigmas ainda são matérias negligenciadas tanto nos bancos escolares quanto no trato diário de quem lida com crianças e adolescentes.

As consequências advindas de uma população indiferente quando se trata da mudança comportamental relacionada à educação financeira se estendem por vários setores da sociedade. Os índices de endividamento e inadimplência crescem, a inflação e as taxas de juros aumentam, há a menor disponibilidade de crédito no mercado, aumento nas tarifas de impostos, desestímulo ao empreendedorismo, aumento na taxa de desemprego são alguns exemplos da ramificação percebida em uma população despreocupada com a educação financeira própria e a de seus sucessores. Não é difícil imaginar a probabilidade de um país que apresente características tão preocupantes de apresentar uma taxa de crescimento irrisória ou até negativa.

De um lado, encontramos uma tentativa exasperada de governantes e empresários beneficiados pela velha política de solidariedade mútua que busca manter o status atual de impotência da sociedade no trato com as próprias finanças. A eles cabe o velho discurso assistencialista de que os governos são responsáveis por zelar pelos seus cidadãos no que diz respeito a quantidade de empregos, ao plano público de saúde, ao salário pré definido e à dependência de políticas assistencialistas que garantam o sustento mínimo de pessoas dependentes. Do outro, famílias inteiras que ensinam de maneira equivocada, quando ao menos tocam no assunto, a tratar o próprio dinheiro, gastos e prioridades financeiras. Ambas são forças poderosas que engaiolam grande parte da população brasileira numa jaula forjada pela própria falta de conhecimento, na qual as grades são as dívidas e falta de dinheiro que geram a dependência tão conveniente ao *status quo* do momento.

Contudo, é preciso reconhecer a esperança despertada por aqueles que se negam a aceitar de maneira cômoda a realidade que nos cerca. Tiago Nigro, já citado no início deste artigo, juntamente com Gerônimo Thelm, Bruno Perini, Pedro Perrucho, Natália Arcuri e tantos outros cidadãos que descobriram, cada um ao seu modo e com uma história ímpar, a sua forma de dominar o ciclo financeiro em sua vida, tem lutado constantemente para quebrar esse ciclo que há tanto tempo é perpetuado no Brasil. Através de cursos, palestras, vídeos e contato constante com um público cada vez maior através das redes sociais, buscam trazer a educação financeira de maneira descontraída e acessível as informações de que a sociedade tanto carece para se ver livre das amarras da dependência de uma “figura” que controle suas finanças.

Um exemplo simples sobre as incongruências de nosso sistema financeiro e o embate de tais influenciadores na mudança desses paradigmas é o questionamento referente ao FGTS. O FGTS é recolhido mensalmente, antes mesmo do depósito ao empregado, e colocado a uma rentabilidade anual que não supera a inflação. E é obrigatório! Ora, como é possível haver uma dedução do salário do trabalhador obrigatória que na verdade funcione como uma reserva incapaz de valer amanhã o que vale hoje? E, até o surgimento desses indivíduos que passaram a questionar os paradigmas existentes quanto à educação financeira, ninguém sequer reclamava sobre isso, o que mostra o descaso e a falta de comprometimento da população com políticas financeiras eficientes que visem a garantir a liberdade financeira individual e o desenvolvimento nacional.

Outro fato notório é percebido ao compararmos o país mais desenvolvido do mundo economicamente, os Estados Unidos, com o Brasil. Lá, mais de 50% da população investe o capital em algum tipo de renda variável, enquanto no Brasil não passamos de 0,5%. Qual dos dois países será que adota uma política voltada à educação financeira de sua população?

É inegável o fato de que os valores e ensinamentos relacionados a dinheiro foram completamente negligenciados no Brasil. Uma população que, em grande parte, é mantida na escuridão da ignorância nos assuntos relacionados a finanças e que se vê largada à própria sorte

para o aprendizado da temática financeira. É preciso ter consciência de que a cobrança das figuras públicas responsáveis por adotar medidas que disseminem o conhecimento só advém de movimentos que busquem a rutputa com a forma de pensar de nosso tempo. Ademais, mudanças culturais demandam algumas gerações para serem consolidadas, e iniciativas individuais tornam-se verdadeiras lideranças na quebra de um ciclo vicioso tão arraigado no “modelo de dinheiro” do brasileiro, sendo fundamentais na transformação de mentalidade das futuras gerações.

REFERÊNCIAS:

Do Mil ao Milhão, Sem Cortar o Cafezinho. Nigro, Thiago. Harper Collins, São Paulo. 2018, p.79.

Como Organizar Sua Vida Financeira. Cerbasi, Gustavo. Sextante, São Paulo. 1ª Ed. 2015, p, 183.

Os Segredos da Mente Milionária. Eker, T. Harv. Sextante, São Paulo. 1ª Ed. 1992, p.112.

Muniz, Ivanis Junior. Educação Financeira: Conceitos e Contextos para o ensino Médio. Colégio Pedro II, Colégio Zaccaria e FAETEC. 2010, p.2.

Ferreira Savoia, José Roberto; Saito, André Taue; Santana, Flávia de Angelis. Paradigmas Para a Educação Financeira no Brasil. 2007, p.3, 4, 9 .

Eliza de Oliveira, Anesandra; Machado, Flávia Fernanda da Silva; Martins, Júlio Cesar; Sposito, Richard Robson. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR E FAMILIAR: UMA AMOSTRA DO PROJETO IMPLANTADO NA UNESPAR. 2014, p. 3, 4, 10, 11.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). Disponível em: <www.cvm.gov.br/>. Acesso em junho de 2019.

BACEN (Banco Central do Brasil). Programa de Educação Financeira. Disponível em: <www.bacen.gov.br/?PEF-BC>. Acesso em: junho de 2019.